

# Estudos de paz\*

Studies of peace

PERGENTINO STEFANO PIVATTO\*\*



**RESUMO** – O artigo descreve o grupo Estudos de Paz, seu surgimento, estruturação em focos de pesquisa, atividades, realizações e resultados; procura mostrar o processo de produção do conhecimento dos participantes; analisa e discute fatores favoráveis e obstáculos em relação à interdisciplinaridade, apontando para o conceito de transversalidade dos Estudos de Paz.

**Descritores** – Estudos de paz; produção de conhecimento; interdisciplinaridade; transversalidade.

**ABSTRACT** – The article describes the group Studies of Peace, its origin, structure and research focus, activities, results and achievements; try to illustrate the process of knowledge production of its members; analyzes and discusses the question of interdisciplinarity relating it to the transverseness of Peace studies.

**Key words** – Peace studies; production of knowledge; interdisciplinarity; transverseness.



## 1 BREVES ACENOS HISTÓRICOS E ESTRUTURADORES

### 1.1 Surgimento

Foi ao longo do ano de 2004, a partir de palestras e conferências sobre o tema da paz, educação para a paz e temas conexos que foi emergindo a idéia de formação de um grupo de professores, alunos de graduação e pós-graduação, que convergissem na mesma intenção e se empenhasse em estudar e pesquisar a nova ciência da paz. Professores de algumas unidades da PUCRS começaram a encontrar-se para estudar o tema da paz em setembro de 2004. Foi feito convite a outros colegas, e novos participantes trouxeram também seus orientandos de mestrado e doutorado e bolsistas de iniciação científica. O grupo de estudos foi

---

\* O presente escrito toma como base o texto elaborado principalmente pela Dr. Maria Izabel Mallmann no qual colaboraram vários membros do GEPAZ: Dr. Anamaria Colla, Dr. Luiza Maria Gerhardt, Dr. Ruth Portanova, Dr. Pergentino S. Pivatto, Me. Janete C. dos Santos e que foi publicado em AUDY, J.L.N.; MOROSINI, M.C. **Inovação e interdisciplinaridade na Universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 445-460. Para a versão atual, recebeu várias remodelações e alguns acréscimos introduzidos pelo co-autor.

\*\* Professor Dr. do PPGEdu e PGF-PUCRS. *E-mail*: tinopivatto@puers.br

criado em novembro de 2004, sob o impulso e orientação do Prof. Dr. Pe. Marcelo Rezende Guimarães. Desde o início, é um grupo aberto, acolhedor, plural, tanto no que diz respeito à procedência e inserção social e profissional dos participantes quanto à diversidade de formação dos mesmos. Para manter certa coesão inicial, foram discutidos e estabelecidos alguns objetivos comuns.

Entre outros, aparecem como objetivos originais:

1. realizar pesquisa sobre a cultura de paz, investigando suas múltiplas possibilidades interdisciplinares;
2. organizar cursos em cultura de paz, numa perspectiva interdisciplinar, como possibilidade de a comunidade universitária acercar-se do tema e explorá-lo em suas diversas competências;
3. promover conferências sobre a temática;
4. divulgar a produção intelectual do grupo nos diversos meios de comunicação da Universidade;
5. articular a Universidade com iniciativas semelhantes realizadas por outras Universidades, governo, sociedade civil e instituições empenhadas na promoção de uma cultura de paz;
6. buscar uma metodologia e sua aplicação na formulação de projetos sociais e políticas públicas que tenham a cultura de paz como pano de fundo e paz como fim alcançável.

O ano de 2005 foi de institucionalização e consolidação do grupo de estudos de paz. Em janeiro foi estabelecida uma agenda de atividades para o ano, definida a metodologia de trabalho e aprovado o “texto fundador” do grupo. Ao longo do ano, discutiu-se e encaminhou-se sua institucionalização e vinculação a uma unidade acadêmica. Ficou ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, dada a importância **da pesquisa** Cultura de Paz e Educação e ao projeto de criação de um curso de especialização em educação para a paz. Foi organizado em três **veios**: “Educação e cultura da paz”; “Prevenção, resolução e transformação de conflitos”; “Segurança humana, governança global e desarmamento”. Todos esses **veios** contam com professores pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação e colaboradores das várias áreas do conhecimento presentes no Grupo. Encaminhado como Grupo de Estudos de Paz ao CNPq, recebeu sua certificação ainda em 2005.

## 1.2 Estrutura

Como foi mencionado acima, o grupo de estudos de paz está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação desde 2005, e possui um coordenador que assume a função geral, além de coordenar, de animar o grupo e acompanhar **os focos de pesquisa**.

### Educação

Hoje, o GEPAZ conta com cerca de trinta participantes. Desde a sua fundação, o grupo conta com a participação ativa de mestrandos e doutorandos da PUCRS, alunos de graduação, pessoas da Comunidade, membros da ONG Educadores da Paz de Porto Alegre, e professores pesquisadores das seguintes Unidades da PUCRS: Educação, Filosofia, Teologia, Serviço Social, Letras, Matemática, Enfermagem, Direito e Comunicação. As duas últimas Unidades passaram a ser representadas a partir de 2006, ano em que ingressou no Grupo um professor da UF da Campanha. Também fazem parte do Grupo, desde a sua fundação, um professor de direito da UNISC e um professor de política internacional da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de Porto Alegre, e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Não há um espaço formal para realização das atividades do GEPAZ. O Grupo reúne-se duas vezes por mês, nas datas marcadas, em uma das salas da Faculdade de Educação. As tarefas são desenvolvidas de forma descentralizada sob a responsabilidade de membros incumbidos das mesmas. Na primeira reunião mensal, cada **veio** de pesquisa organiza-se para estudo, aprofundamento e pesquisa. Na segunda reunião mensal, todo o grupo reúne-se para estudar um tema específico, discuti-lo e aprofundá-lo, com os aportes de cada participante, a partir de sua competência, na forma de diálogo interdisciplinar. Aqui aparece a riqueza da discussão em nível de interdisciplinaridade, discussão esta que comporta vários níveis e formas, inclusive de linguagem, para que se vá além do jargão próprio de cada ciência, se convirja e concentre no fenômeno debatido, vendo-o como um todo e não só sob o viés específico de cada ciência, se alcance perceber a abrangência universal do tema da paz e questionamentos advenientes. O grupo foi percebendo progressivamente que o tema da paz como construção social e cultural diz respeito a cada uma e a todas as ciências, implicando a revisão de conceitos, de relações e do próprio conceito de ciência, sem esquecer as dimensões de ordem prática, política e organizacional.

As atividades de pesquisa organizam-se em função **dos três veios** acima citados. Dois possuem pesquisas em andamento. O primeiro, com maior número de componentes, desenvolveu a pesquisa “As vivências de paz e de violência no meio escolar: identificando condições para o desenvolvimento de culturas de paz”; e outra intitulada “Cultura de paz e violência em jornais”, em andamento.

**O veio de pesquisa** “Segurança humana, governança global e desenvolvimento” desenvolve o projeto “Interdependência, integração regional e paz entre as nações”; e o projeto “Internacionalização do direito a partir dos direitos humanos”.

Neste ano, o **veio de pesquisa** Prevenção, resolução e transformação de conflitos está organizando seu projeto de pesquisa de modo a cobrir e analisar a dimensão internacional dos conflitos que foram levantados na pesquisa “Cultura de Paz e Violência em Jornais”.

### 1.3 Atividades regulares

Durante o primeiro ano, as atividades regulares do grupo de estudos de paz ocorriam uma vez por mês e foram fundamentalmente dedicadas à formação básica dos componentes no tema da Paz. A partir do segundo ano, os encontros passaram a ser quinzenais. Desde o início, cada encontro tem a duração aproximada de uma hora e meia e tem ocorrido ao meio dia da primeira e terceira quinta-feira do mês, no prédio 15, sala 303, na PUCRS.

Nessas ocasiões, ocorrem várias atividades tais como ciclos de estudos, reuniões administrativas, reuniões por **veio de pesquisa**, exposições e debates sobre o tema da paz nas diversas áreas do saber, programadas com antecedência a cada ano. Normalmente são intercalados encontros que combinam, em uma semana, temas administrativos e reuniões por **veio de pesquisa** e, em outro, exposições sobre o tema da paz realizadas por professores pesquisadores das diferentes unidades acadêmicas integrantes do Grupo ou convidados, sempre seguidas de debates.

Em 2007 foi introduzida a atividade “ciclo de estudos” que consiste em apresentações e discussões de textos básicos sobre a paz, e tem por objetivo proporcionar aos ingressantes o balizamento teórico e conceitual a que tiveram acesso os outros membros participantes.

### 1.4 Realizações

Em 2006, o GEPAZ promoveu duas realizações à parte de suas atividades regulares. Uma delas foi o Curso de Especialização Educação para a Paz, oferecido na PUCRS, no período de março a dezembro. Foi o primeiro curso da Educação para a Paz, em nível da Pós- Graduação *lato sensu*, no Brasil e na América Latina. O objetivo geral do Curso foi capacitar educadores para atuação em programas e projetos de educação para a paz e prevenção da violência. Os objetivos específicos foram possibilitar a re-significação do conceito de paz e violência; oportunizar a apropriação do referencial teórico e metodológico da educação para a paz, a partir da perspectiva sócio-crítica; fomentar pesquisas e projetos na área de educação para a paz; favorecer o surgimento de iniciativas escolares, governamentais e sociais de educação para a paz e prevenção da violência e contribuir para implementação de políticas públicas de cultura e educação para a paz. O público-alvo do curso foram

professores da rede pública e particular, agentes do terceiro setor, representantes de instituições governamentais e não-governamentais, profissionais de empresas e dos meios de comunicação, profissionais da saúde, educação e assistência social, lideranças comunitárias, religiosas, e interessados na promoção de uma cultura de paz e não-violência.

Em agosto de 2006, o GEPAZ realizou na PUCRS o FÓRUM sobre Educação para a Paz, com o objetivo de socializar a experiência do grupo com todos os públicos interessados. O evento foi aberto e teve ampla acolhida na Universidade. Houve apresentação **dos veio de pesquisa**; depoimentos advindos de diversas áreas do conhecimento sobre a transversalidade dos Estudos e Pesquisas de Paz que mostraram as possibilidades interdisciplinares na pesquisa evidenciando, ao mesmo tempo, a diversidade de interesses de estudos e a unidade pelo mesmo interesse, a construção da paz; apresentação das pesquisas em andamento, apresentação de pôsteres, exposição e lançamento de livros sobre Educação para a Paz, com sessão de autógrafos. Também houve apresentação da Orquestra de Flautas da Escola Villa Lobos, sob a regência da maestrina Cecília Rheingantz Silveira, uma das alunas do Curso de Especialização em Educação para a Paz, que há anos desenvolve um belo trabalho de educação para a paz, mediante a educação musical, com crianças da Vila Mapa. O Fórum foi encerrado com uma conferência proferida pelo Prof. Dr. Marcelo Rezende Guimarães, membro fundador do grupo, intitulada “Estudos de Paz e Pesquisa Científica: pistas para uma parceria”. Nela, o prof. Marcelo tratou, como bem sintetizou nossa colega Anamaria, “a história dos Estudos da Paz e aprofundou conceitos importantes como Paz e Ciência, fazendo as diferenciações entre paz positiva e negativa, para construir a concepção de uma Ciência da Paz, questionando a possibilidade de resignificação da ciência pela paz e as modificações radicais na episteme da ciência para que ela resgate suas possibilidades emancipatórias”.

Em 2006, foi preparado e publicado um número temático da revista EDUCAÇÃO (PUCRS), maio/ago. 2006 (59), todo ele sobre Cultura e Educação para a Paz.

Atualmente, há empenho para organizar um Simpósio Internacional de Educação para a Paz, promovido pelo GEPAZ e pela ONG Educadores para a Paz – Educapaz, de Porto Alegre, para o primeiro semestre de 2008. O evento destina-se a públicos variados como professores, pesquisadores, funcionários públicos, ativistas, pacifistas, interessados em geral. Os temas para debates e comunicações são Educação para Paz e Prevenção à Violência; Resolução não-violenta de conflitos; Justiça restaurativa; Paz como construção social; Educação para a paz e o meio; Cultura de paz e educação; Cultura de paz e religiões; Cultura de paz e relações humanas: família, escola, trabalho e sociedade.

#### **Educação**

Procura-se, outrossim, relançar para o ano 2008 uma nova edição do Curso de Especialização em Educação para a Paz.

Até agora o nome que pareceu convir e o grupo criou para si mesmo foi GEPAZ = Grupo de Estudos de Paz. Atualmente, diante de uma nova classificação advinda da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG/PUCRS), parece que lhe cabe melhor a nomenclatura de Núcleo. Neste caso, em vez de GEPAZ ficaria NEPAZ: Núcleo de Estudos de Paz.

## **2 PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Com relação ao trabalho dos participantes, não foi adotado nenhum método específico que fosse considerado mais adequado que outro. É preciso destacar um ponto fundamental para a justa e adequada compreensão da sua produção do conhecimento: mesmo que o tema da paz seja praticamente tão antigo como o ser que se vai humanizando, a paz tratada como ciência rigorosa é uma conquista bem recente, tendo iniciado praticamente ao longo e após as duas grandes guerras mundiais do século XX. É próprio dos tateamentos de uma nova ciência procurar construir um método próprio para tratar adequadamente seu objeto de pesquisa que se vai delineando aos poucos. Desde os albores da ciência da paz, o diálogo como arte e como método científico tem aparecido como alternativo ao da imposição pelo arbítrio ou pela força que acabam gerando violência e, às vezes guerra. Nos nossos estudos de paz, as reuniões desdobram-se em diálogo permanente entre todos os participantes, sejam quais forem seus níveis e competências. Mas o desdobramento dialógico só acontece se houver por parte de todos os participantes igual aplicação para o acolhimento recíproco e das posições, o que requer apreço e desenvolvimento da capacidade de escuta e de posicionamento conviccional. Por tratar-se de uma ciência nova, a primeira tarefa fundamental consistiu na procura do conhecimento da mesma, mediante o estudo de textos, sua discussão e aprofundamento. Pode-se chamar isto de formação básica dos participantes mediante a construção conjunta interdisciplinar e organizada do conhecimento em busca da compreensão progressiva do objeto em foco e do seu método.

Os participantes foram se constituindo em um grupo interdisciplinar na medida em que cada um, com sua formação e competência específica, com métodos, conceitos e objetos próprios de cada ciência, estava disposto e aberto a estabelecer interações entre seus saberes específicos com os de outros, em torno da temática da paz e de sua pertinência para a sociedade atual.

Procura-se levar em consideração os fundamentos da prática interdisciplinar tais como definidos por Fazenda (2003, p. 82-86). O primeiro refere-se

ao que ela denomina de *movimento dialético*, ou seja, diálogo sistemático com a própria produção buscando extrair daí novos indicadores e pressupostos; no nosso caso isto se traduz em leitura, exposições e debates da produção do Grupo e de cada um de seus membros sobre o tema que nos congrega, o dos estudos da paz.

Quanto ao segundo fundamento identificado pela autora, o da *memória* como registro em artigos, livros, comunicados e anotações, e como memória vivida e “refeita no diálogo” com esses registros, o GEPAZ tem envidado esforços no sentido de dar sistematicidade e concretude a essas práticas.

A *parceria* é o terceiro fundamento da interdisciplinaridade, consubstanciado, no que Fazenda denomina de “mania” de compartilhar falas, espaços e presenças que, no GEPAZ, é operado através do trabalho compartilhado, das comunicações e debates e dos eventos, de cuja organização e implementação todo o Grupo participa.

O quarto fundamento diz respeito ao *perfil* do grupo<sup>1</sup> interdisciplinar que Fazenda delinea como sendo aquele em que a autoridade é conquistada e não outorgada, a “obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento” (FAZENDA, 2003, p. 86). No GEPAZ busca-se construir esse perfil de forma processual, coerentes com o quinto fundamento apontado por fazenda.

O quinto fundamento, que se procura observar no GEPAZ, alude a alguns aspectos da prática interdisciplinar que se referem “*ao respeito ao modo de ser de cada um*, ao caminho que cada um empreende em busca de sua autonomia”. Daí, a mesma autora conclui que “a interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas” (2003, p. 86). Ainda dentro do quinto fundamento, arrola outras características, como o efeito de contaminação provocado por atitudes interdisciplinares pré-existentes ao surgimento do grupo; a presença de projetos de vida no inconsciente coletivo do grupo e a conseqüente lentidão marcada pelo ritmo de cada um; a permanente atualização bibliográfica; a existência de um projeto, a existência de intencionalidade, de rigor e de pressupostos epistemológicos e metodológicos periodicamente revisados.

O sexto fundamento é o da *superação da dicotomia ensino/pesquisa*, o de instituir o aprendizado pela pesquisa em procedimentos que valorizam os membros do grupo independentemente de uma hierarquia de saberes previamente definida. Nesse sentido, o GEPAZ acolhe e fomenta a participação em atividades de estudos e pesquisa de acadêmicos, professores e membros da

comunidade em geral cujo elo sinérgico seja o interesse e a curiosidade pelo tema da paz.

Quanto à dinâmica de produção do conhecimento, o Grupo abriga sub-grupos em estágios diferentes de interação disciplinar, entendida aqui como a “interação existente entre duas ou mais disciplinas [que] pode ir da simples comunicação de idéias à integração mútua dos conceitos diretores da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização referentes ao ensino e à pesquisa”.<sup>2</sup> Há um número de participantes mais experiente em práticas interdisciplinares. Esses pesquisadores já desenvolveram pesquisas e atuações práticas em Educação para a Paz. Pode-se dizer que eles operam, conforme os autores citados acima, a “integração mútua dos conceitos diretores da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização referentes ao ensino e à pesquisa” atinentes ao tema Educação para a Paz, e cumprem a função de “contágio” descrita por Fazenda. Outros membros do Grupo ainda encontram-se, em graus variados, no estágio da “simples comunicação de idéias”, num esforço de reconhecimento dos pontos de confluência entre suas respectivas disciplinas e as dos demais membros do Grupo e de aproximação de suas preocupações de pesquisa às preocupações fundadoras do Grupo. Tanto Lück (2003, p. 65), para quem “a construção do conhecimento interdisciplinar se processa por estágios ou etapas de maturação de consciência”, quanto Fazenda (2003, p. 87), para quem “o processo de desvelamento de um projeto de vida [pressuposto de um projeto interdisciplinar] é lento e exige uma espera adequada”, entendem esse descompasso como traço constitutivo da construção de práticas interdisciplinares.

Com relação ao método de trabalho, o Grupo adotou o diálogo permanente, a formação básica dos membros a partir de leitura e discussão de textos e a construção conjunta do conhecimento. Isso se traduz em reuniões nas quais são discutidos assuntos relativos ao tema da paz, a partir das quais o Grupo consolida gradualmente sua compreensão do objeto, indo ao encontro do que “tanto Japiassú quanto Gusdorf [indicam] sobre os cuidados a serem tomados na constituição de uma equipe interdisciplinar, [ao falarem] da necessidade do estabelecimento de conceitos-chave para facilitar a comunicação entre os membros da equipe, [ao dizerem] das exigências em se delimitar o problema ou a questão a ser desenvolvida, de [repartir as] tarefas e de [comunicar os] resultados” (FAZENDA, 2003, p. 25).

Os textos são elaborados conjuntamente. A partir das discussões e deliberações é composto um texto por um relator escolhido que posteriormente repassa o texto aos demais membros para que opinem, suprimam ou incluam



conteúdos e observações. Com isso, se procura estabelecer o que Lück (2003) denomina “sentido de unidade na diversidade”, uma vez que produz sentido a partir dos conhecimentos e informações aparentemente dissociados e até mesmo antagônicos trazidos por seus membros.

### **3 INTERDISCIPLINARIDADE: FATORES FAVORÁVEIS E OBSTÁCULOS**

A interdisciplinaridade pode acontecer de várias formas e em vários níveis. Ela tem sentido quando leva ao enfrentamento e superação da ingenuidade (as especialidades estão cercadas de ingenuidade, como se diz, sabe tudo de um nada e nada do tudo), à abertura que quebra dogmatismos dóxicos e favorece atitude capaz de romper o negativismo (que pode haver de novo sob o sol?), procurando avançar, mesmo que o desejado não esteja claramente vislumbrado. Para não ceder a modismos condicionantes e artificios superficiais, requer uma atitude que envolve e abrange a totalidade do ser humano e não só a esfera do sentir-se bem, do conhecer e/ou do fazer. Requer ainda sintonia com os sinais dos tempos e com a dor humana, numa disposição para avançar em favor da humanização de todos.

É o fenômeno da consciência, com seus níveis de abrangência, profundidade e maturidade que mereceriam ser aprofundados, que parece sobressair nesse embate construtivo. Isto aparece claramente na capacidade de querer compreender o outro e sua visão de mundo e de sociedade; na capacidade de escutar e compreender e o pensamento expresso na linguagem e, desde a linguagem em sua trama, de ligar-se ao real agora visitado sob um novo ângulo como se fosse descoberta e começar a reconstruí-lo a partir do despertar deste novo enfoque; na capacidade de entender o sentido de solução ao problema que o outro apresenta e de emitir um juízo em que as partes em questão possam remeter a argumentos ou justificações. Tudo isto pode levar a ampliar, aprofundar e firmar o campo da consciência individual e grupal. Os tropeços podem ser vários: interessam aqui aqueles relacionados ao fenômeno do conhecimento, de sua produção e re-significação, além daqueles ligados à capacidade de inter-relação dialógica com o universo humano; podem vir da pessoa, da sua visão de mundo, das próprias teses, da linguagem, do método e assim por diante. Por isso importa sobremaneira a criação de um clima propício no grupo ao acolhimento de cada participante e de todos, de suas visões, experiências e limitações, de seus conhecimentos e métodos. É mister suscitar um clima favorável e uma disposição de abertura que, sem descartar nada, facilite ir mediante a linguagem além dela mesma, ir ao ponto, ao problema – que precisa ser bem iluminado e centrado –, em busca de possível solução. Duas atitudes iniciais a serem evitadas: aquela que pensa “nada sei”, e aquela

que diz “esta ciência eu domino”. Talvez seja mais propícia a atitude socrática: “sei que nada sei”, mas posso aprender. O ser é obscuridade; as faces desvendadas permitem acesso a ele, sem exaurir sua fonte inesgotável de enigmas emergentes.

O conceito pode ser considerado um “instrumento” operatório usado nas ciências. Diz precisamente um tipo de relação cognoscitiva entre um sujeito e o real visto e analisado sob certo ângulo (visada de cada ciência). Mas o conceito, além de poder ser porta de abertura, chega a ser também pedra de tropeço. Os conceitos são peregrinos, nossa relação com o real vai se clareando e o conhecimento resulta como soma em séculos de esforços individuais e sociais. Para que todos os participantes construam conhecimento, é mister dar maior atenção ao problema, ao real e, em segundo lugar, aos dizeres que sobre ele foram edificados e às relações e interfaces que com o tempo se estruturaram. A interdisciplinaridade ajuda a decodificar os saberes e a relativizá-los, não porque não tenham valor, mas porque agora, ao revelarem sua luz, revelam igualmente suas sombras. Surge a construção de um saber mais complexo e, por vezes, mais problemático. A discussão pode ser interminável e o consenso bem mais árduo do previsto, se é que consenso seja urgido.

Há outro ponto que no GEPAZ apareceu e que, do ponto de vista metodológico, pode ser chamado de transversalidade. A paz é uma realidade que abrange o ser humano como tal e abrange o ser humano enquanto ser constituído em sociedade, em peregrina organização e reorganização. Neste sentido, a paz é um bem universal procurado não só por indivíduos, mas pelo ser humano enquanto social. Aparece, portanto, em todas as dimensões do ser humano e de sua obra simbólica. Sendo assim, a paz não pode ser reduzida a uma disciplina desta ou daquela ciência, por exemplo, da educação, da religião ou da psicologia. A paz, sendo uma dimensão universal do ser humano e de toda a sociedade, torna-se um tema onipresente, isto é passível de estudo, de pesquisa e de aplicação em todas as ciências e saberes. Ficou claro para os participantes do GEPAZ que o estudo e pesquisa da paz cabiam na sua respectiva ciência, que os enfoques específicos de cada ciência só vinham concorrer para uma melhor compreensão da profundidade e extensão da realidade da paz e que, por conseguinte, a questão não se reduzia apenas à questão metodológica, mas favorecia uma visão muito mais abrangente, aquela que contempla a paz como bem universal que precisa ser acolhido, compreendido e adequado em todo campo em que o saber humano se subdivide e compartilha. Pode-se dar a este fenômeno o nome de transversalidade do tema da paz. Nesta altura, pareceu claro que a investigação para a paz, abrindo novas perspectivas de caráter epistemológico, vai gerando inclusive uma nova compreensão de ciência, questionando sua concepção geral. Neste sentido,

#### **Educação**

além dos aspectos da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, do caráter normativo ligado com propostas de ação, podem ser apontados os seguintes: sua natureza internacional, aberta e dinâmica; inclusão de todas as forças vivas para alcance de seus resultados: povo, governantes, opinião pública, religiões, e outros. Enfim, os estudos de paz, embora se sirvam de metodologias baseadas no arco sujeito-objeto, transcendem-nas em racionalidade estruturada em relações sujeito-sujeito, pelo fato de existir uma profunda interconexão entre fins e meios em um processo intercambiável e praticamente aberto.

Contaram ainda como fatores favoráveis à prática interdisciplinar, a adesão dos membros à idéia central de desenvolver estudos sobre a paz, a compreensão de todos quanto às dificuldades inerentes a um empreendimento desta envergadura e o empenho generalizado, para levar a termo os objetivos e iniciativas propostos no início da caminhada.

Em termos operacionais, o Grupo tem trabalhado para vencer as dificuldades advindas da necessidade de comunicação entre diferentes saberes. Contribui para tanto o clima aberto de diálogo e compreensão mútua.

Do ponto de vista material, a construção da *memória* do grupo, um dos fundamentos da prática interdisciplinar indicados por Fazenda, é prejudicada pela ausência de um espaço formal para as atividades do Grupo. Nele, poderiam ser reunidos documentos e bibliografias especializadas e realizadas reuniões e atividades de pesquisa, tornando-o uma referência ao Grupo e aos demais interessados. A atual dispersão física acarreta dificuldades e pode atrapalhar a solidificação do Grupo.

#### 4 RESULTADOS

Como resultados do trabalho do Grupo de Estudos de Paz, pode-se indicar a inserção do tema da paz nas atividades acadêmicas da Universidade. O grupo já tem sido identificado no âmbito da Universidade como espaço dedicado ao tema e chamado a participar de várias atividades a ele vinculadas. Isso tem permitido, em contrapartida, a divulgação, junto à comunidade acadêmica, do trabalho do Grupo e, sobretudo, da importância dos estudos da ciência da paz nos dias de hoje.

Tem havido também produção de conhecimento a partir das pesquisas em andamento, repercutindo em dissertações e teses, em apresentações em Congressos, amostras científicas e atividades comunitárias.

A atividade do grupo tem contribuído também para a inclusão da temática da paz em várias disciplinas e pesquisas desenvolvidas pelos participantes em suas Unidades Acadêmicas.

## REFERÊNCIAS

- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.
- LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**. Fundamentos teórico-metodológicos. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

---

<sup>1</sup> A autora refere-se ao perfil de uma sala de aula interdisciplinar. Aqui, adaptamos para grupo interdisciplinar.

<sup>2</sup> Apostel, Berger, Michaud e outros, apud FAZENDA, Ivani C. A. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**. Efetividade ou Ideologia. São Paulo: Loyola, 1979, p. 27.